



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
CURSO DE LETRAS – LINGUA INGLESA**

THAMIRES DE SOUSA CARNEIRO

**DA GUERRA A IMPOTÊNCIA: CONFLITOS NAS MASCULINIDADES
HEGEMÔNICAS NO FILME TAXI DRIVER E NO ROMANCE SOL TAMBÉM SE
LEVANTA**

Cajazeiras-PB

2019

THAMIRES DE SOUSA CARNEIRO

**DA GUERRA A IMPOTÊNCIA: CONFLITOS NAS MASCULINIDADES
HEGEMÔNICAS NO FILME TAXI DRIVER E NO ROMANCE SOL TAMBÉM SE
LEVANTA**

Monografia apresentada na Universidade Federal de Campina Grande, no Centro de Formação de Professores, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura no curso de Letras – Língua Inglesa.

**Orientador: Prof. Dr. Nelson Eliezer Ferreira
Júnior**

Cajazeiras-PB

2019

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Denize Santos Saraiva Lourenço - Bibliotecária CRB – 15/046
Cajazeiras - Paraíba

C289d Carneiro, Thamires de Sousa.
Da guerra a impotência: crise nas masculinidades hegemônicas em
Taxi Driver e o Sol também se levanta / Thamires de Sousa Carneiro. -
Cajazeiras, 2019.
47f. : il.
Bibliografia.

Orientador: Prof. Dr. Nelson Eliezer Ferreira Júnior.
Monografia (Licenciatura em Letras - Língua Inglesa) UFCG/CFP,
2019.

1. Análise literária. 2. Masculinidade hegemônica. 3. O sol também se
levanta. 4. Taxi Driver. I. Ferreira Júnior, Nelson Eliezer. II. Universidade
Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV.
Título.

UFCG/CFP/BS

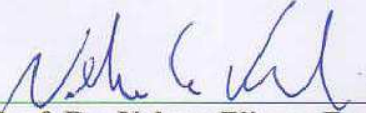
CDU - 82.09

THAMIRES DE SOUSA CARNEIRO

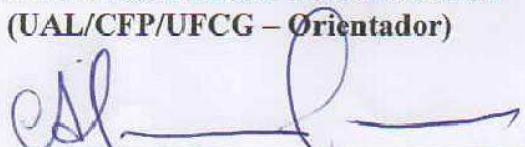
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação de Letras — Língua Inglesa, do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para a obtenção do título de licenciado em Letras — Língua Inglesa.

Aprovação em: 30 / 12 / 2019

Banca Examinadora



Prof. Dr. Nelson Eliezer Ferreira Júnior
(UAL/CFP/UFCG – Orientador)



Prof. Dr. Alexandre Martins Joca
(UAE/CFPWFCG - Examinador 1)

Fabione Gomes da Silva

Prof. Me. Fabione Gomes da Silva
(UAL/CFP/UFCG - Examinador 2)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por minha vida, por minha família e amigos. Por ter me dando forças para enfrentar os momentos difíceis deste ano e por ter me dando foco e inspiração para prosseguir com esta pesquisa.

Agradeço aos meus pais, Noberto e Joselma, que sempre me encorajam a lutar por meus sonhos e a nunca desistir, o apoio deles foi de grande importância para que este trabalho fosse concluído este ano. Agradeço também aos meus irmãos, Thais e Noberto Filho, por serem meus melhores amigos. Agradeço aos meus avós, tios, primos e demais familiares por todo o carinho e suporte.

Agradeço ao meu orientador, Nelson Eliezer, pela confiança e tempo dedicado a esta pesquisa, obrigada por ter me apresentado ao conceito de masculinidade hegemônica, serei eternamente grata.

Agradeço a todos os professores do curso de Letras, pelos ensinamentos transmitidos durante o curso. Sempre serei agradecida a todos. Agradeço também aos meus colegas de curso, por compartilharem comigo momentos bons e ruins. São certamente pessoas maravilhosas que tive o prazer de conhecer e que sempre faram parte da minha vida.

Enfim, agradeço a todos vocês e a todos aqueles que indiretamente me ajudaram de alguma forma, meu mais sincero obrigada.

“Com um suspiro isto direi
Em algum ponto, há muito tempo distante
Duas estradas num bosque se bifurcavam, e eu
A menos percorrida trilhei,
E isto fez toda a diferença.”

(Trecho do poema “A estrada não percorrida” do poeta Robert Frost,
tradução de Henry Bugalho)

RESUMO

As relações entre os gêneros se modificaram bastante no decorrer dos séculos. Movimentos sociais como o feminista contribuíram para os avanços dos estudos de gênero e consequentemente, para os estudos da masculinidade, que passaram a ser mais evidenciados nos anos 90. Nesta mesma época, surgiu o conceito de masculinidade hegemônica, que auxiliava na análise das desigualdades de poderes entre os gêneros e revelava as práticas sociais que são associadas a masculinidade. Este conceito é constantemente relacionado a virilidade que é vinculada a sexualidade e a violência. Os homens são frequentemente cobrados para agirem de acordo com os padrões de virilidade e na maioria das vezes, se colocam em situações de risco por causa disso, como nos ambientes militares. Em virtude disso, o presente trabalho teve como objetivo geral apresentar uma análise dos personagens principais do romance *O sol também se levanta* (1926), do escritor norte-americano Ernest Hemingway e do filme *Taxi Driver* (1976) dirigido por Martin Scorsese, utilizando o conceito da masculinidade hegemônica. Esta pesquisa é bibliográfica exploratória e possui como aporte teórico: Connell e Pearse (2016), Audoin-Rouzeau (2013), Moreira (2011), Souza e Antloga (2017), entre outros. Ao fim, desse trabalho, o conceito de masculinidade hegemônica ficou evidenciado através da crise dos personagens analisados, o fato de terem participado de um ambiente tão hegemônico e violento como o militar, afetou e danificou a vida desses personagens, que tentam transparecer serem masculinidades hegemônicas perante a sociedade, através de práticas que se relacionam com o mito da virilidade.

Palavras-chave: O sol também se levanta, Taxi Driver, Masculinidade, Guerra.

ABSTRACT

Relations between genders change a lot over the centuries. Social movements as feminists contributed to the advances of gender studies and, consequently, to the studies of masculinity, which are more evident in the 1990s. At this same time, the concept of hegemonic masculinity emerged, which helped in the analysis of inequalities powers between genders and revealed the social practices that are associated with masculinity. This concept is related to virility, which is linked to sexuality and violence. Men are often charged to act according to virility standards and most often put themselves at risk because of this, such as in military environments. Because of this, the present paper has as its general objective an analysis of the main characters of the novel *The Sun Also Rises* (1926), by the American writer Ernest Hemingway and the movie *Taxi Driver* (1976), directed by Martin Scorsese, using the hegemonic masculinity concept. This research is exploratory bibliographic and has the following theoretical resources: Connell and Pearse (2016), Audoin-Rouzeau (2013), Moreira (2011), Souza and Antloga (2017), among others. At the end of this paper, the concept of hegemonic masculinity was evidenced through the crisis of the characters analyzed, the fact that they participated in such a hegemonized and violent environment as the military, affected and damaged their lives, they try to appear to be hegemonic masculinities before society through practices that relate to the myth of virility.

Keywords: The sun also rises, Taxi Driver, Manhood, War.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Cena de Travis no Taxi	33
Figura 2	Cena de Travis no Taxi	33
Figura 3	Cena de Travis no Taxi	34
Figura 4	Cena de Travis fazendo a entrevista para o emprego de taxista	35
Figura 5	Cena de Travis fazendo a entrevista para o emprego de taxista	36
Figura 6	Cena de Travis fazendo a entrevista para o emprego de taxista	36
Figura 7	Cena de Travis fazendo a entrevista para o emprego de taxista	36
Figura 8	Cena de Travis conseguindo o emprego de taxista	37
Figura 9	Cena de Travis conseguindo o emprego de taxista	37
Figura 10	Cena de Travis conseguindo o emprego de taxista	37
Figura 11	Cena de Travis e Betsy no cinema	39
Figura 12	Cena de Travis e Betsy no cinema	39
Figura 13	Cena de Travis e Betsy no cinema	39
Figura 14	Cena de Travis e Iris na lanchonete	40
Figura 15	Primeira cena em que Travis aparece com a nova aparência	41
Figura 16	Cena em que Travis está ferido depois de matar os cafetões	41
Figura 17	Cena em que Travis está ferido depois de matar os cafetões	42
Figura 18	Cena finais que mostram os artigos de jornais e o reencontro de Travis e Betsy	42
Figura 19	Cena finais que mostram os artigos de jornais e o reencontro de Travis e Betsy	42
Figura 20	Cena finais que mostram os artigos de jornais e o reencontro de Travis e Betsy	42
Figura 21	Cena finais que mostram os artigos de jornais e o reencontro de Travis e Betsy	43

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. RELAÇÕES DE GÊNERO NA LITERATURA E NO CINEMA	12
1.1 Estudos de Gênero: Masculinidade.....	12
1.2 A imagem do homem na Literatura.....	14
1.3 A figura masculina no espaço cinematográfico	17
2 A (DES)CONSTRUÇÃO DA MASCULINIDADE HEGEMÔNICA A PARTIR DA GUERRA	22
2.1 Estudos da Masculinidade: o conceito de Masculinidade Hegemônica.....	22
2.2 O homem e o ambiente militar	25
3 ESTUDO COMPARATIVO DO ROMANCE O SOL TAMBEM SE LEVANTA E DO FILME TAXI DRIVER	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	47

INTRODUÇÃO

É certo que, as relações de gênero sempre foram afetadas pelos sistemas culturais, políticos e econômicos. Por muito tempo, esses sistemas sustentaram hierarquias de poderes entre os homens e as mulheres que ainda causam desigualdades. Nos anos 60, diversos movimentos sociais eclodiram, evidenciando os problemas de polarização existentes entre os gêneros e propondo ideias e medidas para lidar com essas questões, como o movimento feminista. Com isso, os estudos de gênero se intensificaram, tendo como foco, a princípio, sujeitos que eram inferiorizados socialmente, a exemplo das mulheres e dos homossexuais. No entanto, nos anos 1990, com o aumento dos estudos sobre a masculinidade, passou-se a analisar esses dilemas de gênero de uma forma mais abrangente, para isso, alguns estudiosos passaram a adotar o conceito de masculinidade hegemônica.

O conceito de masculinidade hegemônica serve justamente para entender e contestar as formas de poder e hierarquização existentes entre os homens e as mulheres e principalmente, entre os próprios homens. A violência é certamente um elemento que é constantemente relacionado ao homem, por esta razão, os homens ainda são vistos como mais aptos para certas atividades como a carreira militar. É certo que a figura do soldado é constantemente relacionada a virilidade e combate físico e visto como um meio para que os homens provem que são viris.

Nesse sentido, questiona-se: a comprovação da virilidade por meio do conflito físico, é uma designação do gênero masculino, que na maioria das vezes prejudica o homem?

Tem-se que o trabalho possui como objetivo geral apresentar uma análise do romance *O sol também se levanta* (1926), do escritor norte-americano Ernest Hemingway e do filme *Taxi Driver* (1976), dirigido por Martin Scorsese, utilizando o conceito da masculinidade hegemônica. Destacando-se como objetivos específicos: analisar os elementos responsáveis pela crise na masculinidade hegemônica dos personagens das obras e identificar as convenções sociais que validam a virilidade do homem, para torna-lo parte do seu gênero.

No tocante ao procedimento metodológico, o presente estudo tem por base a pesquisa bibliográfica exploratória, possuindo como método de abordagem o dedutivo e o método de procedimento histórico evolutivo.

Esta pesquisa se justifica por ser um tema da atualidade e apesar das discussões sobre as relações de gêneros estarem em evidencia nos dias atuais, o conceito de masculinidade

hegemônica ainda não é muito utilizado, em comparação, com a teoria feminista, são poucos os trabalhos acadêmicos que utilizam o conceito de masculinidade hegemônica.

Desta forma o trabalho está estruturado em três capítulos: o primeiro capítulo “Relações de gênero na literatura e no cinema”, explora as transformações que ocorreram na forma como os gêneros interagem entre si e em como os aspectos culturais influenciam na história dos gêneros, além de analisar a forma como o gêneros são retratados na literatura e no cinema, principalmente, o gênero masculino. O segundo capítulo “A (des)construção da masculinidade hegemônica a partir da guerra”, mostra questões sobre a masculinidade, assim como o conceito de masculinidade hegemônica e relaciona este conceito com o ambiente militar e em como a busca pela comprovação da virilidade masculina, influenciou o comportamento dos homens com relação aos conflitos físicos.

Por fim, o terceiro capítulo e último, apresenta a análise comparativa dos personagens principais masculinos que tiveram suas vidas modificadas após participarem de guerras. Neste capítulo, será evidenciado a crise com relação a masculinidade que esses personagens passaram e as distintas escolhas que eles fizeram no decorrer de suas histórias.

1. RELAÇÕES DE GÊNERO NA LITERATURA E NO CINEMA

1.1 Estudos de Gênero: Masculinidade

A eclosão das discussões sobre as relações de gênero, ocorreu entre os anos de 1960 e 1970, devido aos movimentos feministas e gays. Esses movimentos evidenciaram as desigualdades sociais, políticas e familiares que existem, entre os gêneros, masculino e feminino, originando debates que perduram até os dias atuais. Nas inúmeras discussões existentes no campo dos estudos de gênero, os aspectos sociais e culturais são vistos como os principais elementos que delimitam o que é considerado masculino ou feminino em uma sociedade. Grande parte das discussões sobre identidade de gênero se concentram em uma dicotomia criada pelas diferenças biológicas entre homens e mulheres, que dividem as características sociais dos gêneros (CONNELL e PEARSE, 2015, p.46).

No entanto, o gênero não se resume apenas a uma divisão social e psicológica definida pela biologia, de acordo com Connell e Pearse (2015 p. 48-48):

De maneira informal, gênero diz respeito ao jeito com que as sociedades humanas lidam com os corpos humanos e sua continuidade e com as consequências desse “lidar” para nossas vidas pessoais e nosso destino coletivo. Essa definição produz importantes consequências. Entre elas: o gênero, como outras estruturas sociais, é multidimensional. Não diz respeito apenas à identidade, nem apenas ao trabalho, nem apenas ao poder, nem apenas a sexualidade, mas a tudo isso ao mesmo tempo.

Ainda assim, a divisão dicotômica dos gêneros se faz presente nas sociedades, causando as desigualdades sociais entre homens e mulheres e dificultando as relações entre eles. Essa divisão surgiu desde as primeiras civilizações do mundo, sendo perpetuada ao longo dos anos, principalmente, através de costumes e crenças, principais elementos que constituem a cultura de um povo. As expressões artísticas também são importantes na propagação cultural, no entanto, a arte não é somente um mero espelho que reflete as singularidades de um povo, a arte pode modificar a realidade, assim como, pode colocar em destaque determinados segmentos sociais que, geralmente, são negligenciados pela sociedade.

Desse modo, constata-se que, o relacionamento entre homens e mulheres, não permanece da mesma forma como era há séculos atrás. Um dos aspectos sociais relacionados aos gêneros, que passou por várias mudanças ao longo dos anos, é o casamento. Muitos

historiadores acreditam que esta convenção social está inteiramente relacionada com patriarcalismo, sendo uma justificativa para a existência desse sistema, pois, antigamente, em sociedades agrícolas, os homens usavam o poder da união matrimonial para regular a vida sexual de sua parceira, com o intuito de garantir a paternidade de seus filhos, para continuidade familiar (Stearns, 2018, p.32).

O sistema patriarcal determinava como deveria ser a união conjugal, estabelecendo uma hierarquia dentro dos relacionamentos. Atualmente, apesar de o patriarcalismo ter perdurado ao longo dos anos, na maioria dos países ao redor do mundo, as ideias de um casamento bem-sucedido são baseadas na igualdade de gêneros, e circunstâncias que antes não eram possíveis, como o divórcio e a união de indivíduos de um mesmo sexo, hoje em dia, são permitidas. Segundo Connell e Pearse (2015, p. 49): “O poder das estruturas na formação da ação individual faz com que o gênero quase sempre pareça não se transformar. No entanto, os arranjos de gênero estão sempre mudando, conforme as práticas humanas criam novas situações e as estruturas se desenvolvem tendendo a crises”. Sendo assim, o conceito de gênero não é inalterável, sendo um termo que se modifica de uma época para outra e que também difere de um povo para outro.

Apesar dos estudos de gênero terem se intensificado ao longo dos anos, a condição do homem hegemônico na sociedade foi sempre pouco explorada, pois, a princípio, o gênero masculino era visto apenas como um elemento de opressão social, tanto para as mulheres quanto para os homens que não se adequavam as características pertencentes ao seu gênero. Em função disso, muitas questões sobre as masculinidades foram ignoradas, como o fato do homem ser oprimido pelo o próprio sistema. Conforme afirma Stearns (2018, p. 34):

A força do patriarcado caiu sobre as mulheres, mas obviamente afetou também definições de masculinidade. Os homens, independentemente da personalidade de cada um, deveriam assumir seus papéis de dominantes. Deviam evitar mimar as mulheres, especialmente em público. Com frequência, precisavam estar prontos a assumir deveres militares ou de outro tipo de lideranças e em princípio, eram evidentemente responsáveis pela sobrevivência econômica da família.

Desta forma, é possível afirmar que o homem também é afetado negativamente pelo sistema patriarcal, sendo um sujeito que também sofre opressões, por isso, os estudos da masculinidade, que se desenvolveram mais durante os anos 1990, são tão relevantes para os estudos de gênero, pois, colaboraram para modificar o pensamento que enxergava o homem apenas como um inimigo social, que não sofria nenhum tipo de opressão. Os movimentos

feministas e gays inspiraram os estudos sobre a masculinidade, logo, esses segmentos não são ignorados pelos estudiosos da área, sendo vistos como partes importantes para compreender as questões sociais relacionadas ao gênero masculino.

1.2 A imagem do homem na Literatura

Os estudos das masculinidades conceberam uma esfera interdisciplinar, abarcando disciplinas como biologia, sociologia, filosofia, psicologia e literatura. Essas disciplinas são essenciais para entender as especificidades do gênero masculino, a literatura, por exemplo, que é certamente uma das artes mais antigas da humanidade, passou por várias transformações ao longo dos séculos, estabelecendo ligações sociais inesperadas e indispensáveis. Segundo Velloso (1988, p.2):

A produção literária é um fenômeno social, na medida em que resulta de convicções, crenças, códigos e costumes sociais (ver Oliveira, 1984). Enquanto tal exprime a sociedade, não *ipsis litteris*, mas modificando-a e até mesmo negando-a. Se a literatura emerge de uma determinada realidade histórica, isso não implica que deva ser o seu registro fiel, ou a sua fotografia. Ao contrário: a literatura tende frequentemente a insurgir-se contra este real, apresentando dele uma imagem em que a própria sociedade muitas vezes se recusa a reconhecer-se. Trata-se, portanto, de uma relação necessária, contraditória e imprevisível (ver Paz, 1983: 12-34).

Sendo assim, a literatura como produção artística e cultural, é muito importante para os estudos sociais, pois o seu caráter variável permite diversas reflexões sobre vários temas que, normalmente, são ignorados pela maioria das pessoas, como, as situações de desigualdade entre os gêneros. É por esta razão que a literatura é um dos campos de conhecimento presente nos estudos da masculinidade por proporcionar um espaço de debate e análise para os mais diversos segmentos da sociedade, incluindo a condição do gênero masculino.

A literatura surgiu com a oralidade através de histórias fictícias que eram passadas de uma geração para outra, como as lendas e os mitos. Muitas dessas histórias surgiam para explicar acontecimentos que o ser humano não entendia ou não tinha conhecimento sobre. A maioria dessas narrativas apresentava uma figura masculina como protagonista do enredo, criando uma ideia de superioridade do gênero masculino que existe até os dias atuais. De acordo com Tavares (1978, p.35):

O fascínio que exercem sobre os homens de hoje vem-lhes sobretudo da originalidade da sua mensagem. Esta tem raízes que se perdem em remotos tempos da Pré-história, embora seja veiculada por uma escrita nascida nos fins do 4.º milénio a.C., para ter já verdadeira expressão literária no milénio seguinte. Entre os vários temas de interesse que aí se podem salientar, preferimos de momento os que se situam no âmbito da antropologia. E justo que, no centro das nossas preocupações, esteja o Homem. «Sábio» ou «demente» ele é, por isso e apesar disso, o «rei da criação». Poderá parecer, numa leitura superficial dos mitos das origens, que o Homem ocupa aí um lugar secundário. Mas é enganoso. Ele está tão associado à criação dos deuses e do mundo que habitualmente não há teogonia nem cosmogonia sem uma antropologia.

Estórias da criação do mundo estão presentes nas mitologias de diversos povos, a maior parte dessas estórias apresentam como responsáveis pela origem do mundo, deuses dotados de grandes poderes. Na mitologia egípcia, por exemplo, há o deus Atom, considerado o criador de tudo, enquanto na mitologia grega, Zeus é considerado o deus supremo que comanda o céu. É possível notar semelhanças nas narrativas de origem de muitos povos, como a presença de um ser divino de grande poder representado, na maioria da vezes, por uma figura masculina e estas semelhanças existem devido, principalmente, aos contatos diretos ou indiretos, que ocorriam entre as sociedades, desde das primeiras civilizações, algo que se tornou natural, para a espécie humana, por causa das migrações(STEARNS, 2018,p.30).

Ao longo da história, muitas obras literárias foram influenciadas por estas primeiras narrativas, que colocavam o homem no centro do mundo e como criador de tudo. Obras pertencentes ao gênero épico, que surgiram em meados do século VII, apresentavam as jornadas de grandes heróis épicos, que eram dotados de qualidades como honra e força, heróis como Aquiles, o grande guerreiro que participou da guerra de Troia e Ulisses, o rei de Ítaca que enfrentou diversos obstáculos para voltar para casa, suas estórias são retratadas, respectivamente, nos poemas *Ilíada* e *Odisseia*, escritos pelo poeta Homero.

Estas imagens de deuses, heróis e grandes guerreiros criadas por estas narrativas, influenciaram o modo como as sociedades enxergam o gênero masculino, originando um modelo de masculinidade que é idealizado pelas as sociedades, um modelo que os homens se espelham socialmente. É claro que este modelo é diferente para cada sociedade, mas o preconceito e rejeição com os indivíduos que não conseguem segui-lo, é certo e constante. Muitos escritores não se sentiam como parte dos modelos de masculinidades de suas sociedades, principalmente, por que para algumas sociedades a produção literária era vista como uma ação de extrema sensibilidade, uma característica considerada feminina.

Na obra *Manhood and the American Renaissance* (1989), escrita pelo acadêmico David Leverenz, há uma análise das obras de cinco autores americanos: Emerson, Hawthorne, Melville, Thoreau e Whitman, sendo uma investigação das representações masculinas na literatura americana. Uma das conclusões de Leverenz, é que esses autores não se sentiam inseridos nos modelos de masculinidade de suas épocas, justamente pela sensibilidade da escrita criativa e também, pelo fato da profissão de escritor ser considerada doméstica, tornando-os femininos para os padrões de masculinidade daquele tempo (CARIBÍ, 2019). É interessante perceber a forma que diversos âmbitos artísticos, como a literatura, que antes era dominados por homens, com os passar dos anos, foram se transformando socialmente em espaços mais feminizados, tornando-se espaços mais diversificados, porém, ainda enfrentando preconceitos relacionados aos gêneros.

Para muitos escritores, o espaço literário não era apenas um ambiente de inventividade, mas também como um ambiente de desabafo, expondo suas opiniões sobre diferentes temas, como a condição dos gêneros na sociedade, as adversidades sociais enfrentadas pelos gêneros são certamente exploradas em inúmeras obras literárias. F. Scott Fitzgerald, Ernest Hemingway, Oscar Wilde, Charles Dickens, são alguns exemplos de autores que apresentam personagens masculinos em crise por causa de dilemas sociais. Grande parte das obras desses escritores mostram masculinidades que tentam permanecer com seus status sociais ou que tentam retomá-los, também mostram personalidades masculinas que tentam se tornar hegemônicas.

Mas não é apenas em obras escritas por autores homens que é possível encontrar representações masculinas em crise, muitas escritoras exploram em suas obras, a masculinidade de seus personagens. De acordo com Caribí¹ (2019, p. 10-11, tradução nossa):

Se aceitarmos a teoria de Frantz Fanon (1952), segundo a qual os oprimidos têm um ponto de vista privilegiado sobre os mecanismos de opressão, não surpreende que as mulheres, amplamente oprimidas pelo patriarcado, tenham revisado e reescrito a masculinidade de

¹ If we accept Frantz Fanon's theory (1952) according to which the oppressed have a privileged viewpoint over the mechanisms of oppression, then it is not surprising that women, largely oppressed by patriarchy, have been revising and rewriting masculinity from particularly revealing and innovating perspectives. Apart from questioning traditional patriarchal values, in their texts women writers frequently "dream" about new, alternative models of manhood. Consequently, the research project Constructing New Masculinities has paid special attention to masculinity models created by American women writers. The aims have been twofold: to explore the deconstruction of 11 masculinity and the creation of new, more egalitarian, enriching and plural ways of being a man in women's fiction.

perspectivas particularmente reveladoras e inovadoras. Além de questionar os valores patriarcais tradicionais, em seus textos as mulheres escritoras "sonham" com novos modelos alternativos de masculinidade. Consequentemente, o projeto de pesquisa *Construindo Novas Masculinidades* tem prestado atenção especial aos modelos de masculinidade criados por escritoras americanas. Os objetivos foram duplos: explorar a desconstrução da masculinidade e a criação de novas maneiras mais igualitárias, enriquecedoras e plurais de ser homem na ficção feminina.

Nas obras das escritoras britânicas, Jane Austen e Emily Bronte, por exemplo, é possível se deparar com personagens masculinos que representam os modelos de masculinidades britânicos dos séculos XVIII e XIX, esses personagens representam masculinidades hegemônicas, que ao longo dos livros passam por situações conflituosas relacionadas à suas posições sociais, por causa de seus interesses românticos, que também enfrentam obstáculos por causa das convenções sociais relacionadas ao seu gênero. Logo, muitas obras literárias de autoria feminina, colaboram para romper com os preceitos e preconceitos com relação a ambos os gêneros.

Em diversas obras literárias, produzidas tanto por homens quanto por mulheres, os vários tipos de masculinidades estão presentes nos enredos, provocando novas perspectivas e novas reflexões sobre as construções sociais masculinas, contribuindo para a desconstrução do gênero. Assim, é inegável a contribuição que a literatura proporciona para as discussões sobre as relações de gênero, constituindo-se tanto como um elemento de registro quanto de renovação social.

1.3 A figura masculina no espaço cinematográfico

Outra arte que exerce uma influência social e que possui uma forte relação com a literatura, é o cinema, considerado a sétima arte, foi criado em meados do século XIX e possui um apelo popular bem maior que a produção literária. Desde a sua criação, o cinema estabeleceu laços com a literatura, a maioria dos primeiros filmes produzidos, eram adaptações de contos de fadas clássicos, como o conto da Cinderela e a estória de Ali Baba e os 40 ladrões, estórias da bíblia também foram adaptadas para o espaço cinematográfico, nos seus primeiros anos. Segundo Sotta (2015, p.155):

Uma das parcerias interartísticas mais notórias talvez seja a estabelecida entre a literatura e o cinema. Desde que a sétima arte veio à luz,

inúmeros filmes foram buscar inspiração em narrativas literárias e transformaram muitas delas em roteiros cinematográficos. O elemento fundamental comum a ambos, que possibilita a aproximação, é a estrutura narrativa, pois tanto um texto em prosa quanto um filme, em última instância, apresentam uma história que ocorreu a alguém (personagem) em um determinado momento (tempo) e local (espaço). Se por um lado essas duas manifestações artísticas apresentam esses pontos de encontro e se mostram bastante próximas, por outro, não se pode esquecer que ambas são artes autônomas, dotadas de regras próprias de produção e recepção, ou seja, cada uma possui a sua identidade.

Tanto a literatura quanto o cinema são artes independentes, por possuírem suas próprias identidades. Mesmo assim, são duas artes que relacionam, pois muitas obras literárias foram adaptadas para o âmbito cinematográfico e o contrário também ocorre, algumas produções de grande sucesso do cinema também são adaptadas para o âmbito literário, tais obras possuem diferenças em cada segmento artístico em que são reproduzidas, se tornando obras únicas e independentes. O cinema também apresenta produções originais, que assim como a literatura, trazem temas importantes para o meio social, reproduzindo e modificando a realidade para gerar reflexões.

Apesar de haver muitas discussões sobre a origem do cinema, a maioria dos nomes destacados como responsáveis por uma das invenções mais populares do mundo é de homens, ou seja, assim como a literatura, a princípio o cenário cinematográfico também era dominado por homens, algo que veio a se modificar com os anos, principalmente por causa dos movimentos sociais. Logo, o espaço cinematográfico está repleto de representações dos gêneros, assim como no âmbito literário. De acordo com Alorda² (2013, p.3-4, tradução nossa), o interesse pela análise de gêneros no cinema:

² This emerged from feminism, which felt the necessity to study the representation of women in filmic texts. Feminist film studies opened the path for other objects of study such as a men and masculinity. However, the study of masculinity in cinema was not noticeable until the 1980s with the publication of seven Neale's essay "Masculinity as Spectable". So why do we study gender in films? Media in general and films are vital elements in a person's life. In films we encounter different representations of women and men that turn out to be crucial to understand their behavior and identity. Therefore, it would be illogical to say that these images and representations do not have an impact on their audiences. People are interested in discovering how we are defined through gender, exploring out sexuality when compared to other human beings.

...surgiu do feminismo, que sentiu a necessidade de estudar a representação das mulheres em textos cinematográficos. Os filmes feministas abriram caminho para outros objetos de estudo, como homens e masculinidade. No entanto, o estudo da masculinidade no cinema não era perceptível até a década de 1980, com a publicação do artigo de Steven Neale, "Masculinidade como espetáculo". Então por que estudamos gênero em filmes? Mídia em geral e filmes são elementos vitais na vida de uma pessoa. Nos filmes, encontramos diferentes representações de mulheres e homens que se revelam cruciais para entender seu comportamento e identidade. Portanto, seria ilógico dizer que essas imagens e representações não têm impacto em seus públicos. As pessoas estão interessadas em descobrir como definimos através do gênero, explorando a sexualidade quando comparadas a outros seres humanos.

Da mesma forma que na literatura, as mulheres também conquistaram o seu espaço no cinema, expondo não apenas a condição da mulher na sociedade, mas também a condição do gênero masculino, destacando novos tipos de masculinidade. Greta Gerwig, Maren Ade, Céline Sciamma, Sam Taylor-Johnson e Sofia Coppola são algumas diretoras de sucesso da indústria americana, que apresentam em seus currículos filmes que além de tratarem de temas relacionados ao gênero feminino, também apresentam novas perspectivas sobre masculinidade.

Apesar das mulheres terem conquistado seus espaços em diversos meios artísticos e ainda continuam a obter mais espaços é certo que a lista de grandes diretores de Hollywood está repleta de nomes de homens, grande parte das suas produções exprimem os preceitos mais comuns do gênero masculino como a violência, muitos dos personagens são verdadeiras representações de masculinidades hegemônicas, algo que possui grande influência daquelas primeiras histórias que na maioria das vezes, apresentavam a figura masculina através de deuses, heróis e grandes guerreiros, modelos que refletiam superioridade, principalmente, superioridade física. A imagem masculina assim como a imagem feminina, também era extremamente sexualizada no início do cinema, atores como John Wayne, James Dean e Marlon Brando, eram vistos como verdadeiros símbolos sexuais de suas épocas. De acordo com Alorda³ (2013, p. 29):

³ In the late 1990s, films started to offer the image of a new man, a somehow “feminised” man which was often contrasted with the figure of the female character and whose traits were sometimes over-emphasised to such extreme that often escaped the limits of reality. This conception of the 1990s men became popularly known as the “new man”. David Savran, in his work *Taking it like a man* (1998), explores the emergence of this new Hollywood hero in the films during the 1990s that is often portrayed as androgynous and partially alienated from the John Wayne model, but Always with a hint of traditional rugged manhood. Arnold

No final dos anos 90, os filmes começaram a oferecer a imagem de um novo homem, um homem de alguma forma "feminizado", que era uma oferta contrastada com a figura da personagem feminina e cujas características eram às vezes enfatizadas demais a um extremo que muitas vezes escapava aos limites de realidade. A concepção dos anos 90 tornou-se popularmente conhecido como o "novo homem". David Savran, em seu trabalho *Taking it like man* (1998), explora o surgimento desse novo herói de Hollywood nos filmes nos anos 90, que é frequentemente retratado como andrógino e parcialmente alienado do modelo de John Wayne, mas sempre com uma pitada de tradição de masculinidade robusta. Arnold Schwarzenegger, a máquina musculosa do *The Terminator* (1984), foi desafiado a estrelar um professor de jardim de infância de bom humor em *Kindergarten Cop* (1990).

Sendo assim, os vários tipos de masculinidade passaram a possuir os seus espaços de representatividade no cenário cinematográfico. Muitos diretores passaram a desconstruir aspectos do gênero masculino em seus filmes, contrapondo com os modelos sociais existentes. Quentin Tarantino que é certamente um dos diretores mais famosos de Hollywood e do mundo, em seus filmes, reconhecidos principalmente pela a violência excessiva, há muitas representações masculinas, agindo de maneiras diferentes do que é esperado socialmente, como os atrapalhados assassinos de aluguel, do filme *Pulp Fiction* (1995), um dos mais conhecidos do diretor.

A relação entre homens e mulheres é constantemente explorada no cinema, assim como na literatura. Em muitas narrativas ficcionais, que retratam os conflitos de gênero, as figuras femininas e masculinas são retratadas de maneiras singulares e até mesmo excêntricas, justamente, para causar o sentimento de estranheza, que proporciona a reflexão. Segundo Alorda⁴ (2013, p. 3, tradução nossa):

Schwarzenegger, the muscled machine in *The Terminator* (1984), was challenged to star a good-natured kindergarten teacher in *Kindergarten Cop* (1990).

⁴ The portrayal of gender in films can be seen as a reflection of the problems of both men and women in our Society. Directors capture images of both men and women performing different roles in situations that serve us to decipher symbolism and highly charged scenes giving us a better understanding of the real world. Therefore, film characters and cinema in general allow us to recognise certain traits of masculinity and femininity, offering at the same time, a better understanding of gender, society and humaniy in general.

O retrato de gênero nos filmes pode ser visto como um reflexo dos problemas de homens e mulheres em nossa sociedade. Os diretores capturam imagens de homens e mulheres desempenhando papéis diferentes em situações que nos servem para decifrar simbolismos e cenas altamente carregadas, dando-nos uma melhor compreensão do mundo real. Portanto, personagens e cinema em geral nos permitem reconhecer certos traços de masculinidade e feminilidade, oferecendo, ao mesmo tempo, uma melhor compreensão de gênero, sociedade e humanidade em geral.

O cinema e a literatura são espaços de construção e desconstrução, que se relacionam e proporcionam reflexões sobre o meio social. Logo, os estudos de gênero prosperam nessas artes, que são tão populares e alcançam tantas pessoas, pois, capturam diversas sociedades e seus modelos de masculinidade e feminilidade, proporcionando análises que contribuem para os avanços sociais e que rompem com as ideias tradicionais, que limitavam as vidas de mulheres e homens.

As obras cinematográficas e literárias não são apenas meios de entretenimento, são também produtos sociais e culturais que servem como objetos de estudo de uma sociedade, de uma época ou de costumes de um povo específico. Além disso, essas obras modificam e distorcem elementos da realidade, favorecendo novas linhas de pensamento. Portanto, os objetos de estudo do presente trabalho são o romance *O sol também se levanta* (1926), do escritor Ernest Hemingway e o filme *Taxi Driver* (1976), do diretor Martin Scorsese.

2 A (DES)CONSTRUÇÃO DA MASCULINIDADE HEGEMÔNICA A PARTIR DA GUERRA

2.1 Estudos da Masculinidade: o conceito de Masculinidade Hegemônica

Diante do que foi visto no capítulo anterior, é possível afirmar que existem vários tipos de masculinidades, que se alteram de tempos em tempos. De acordo com Connell (1995, p.188):

A masculinidade é uma configuração de prática em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero. Existe, normalmente, mais de uma configuração desse tipo em qualquer ordem de gênero de uma sociedade. Em reconhecimento desse fato, tem-se tornado comum falar de masculinidades. Existe o perigo, nesse uso, de que possamos pensar no gênero simplesmente como um pout-pourri de identidades e estilos de vida relacionados ao consumo. Por isso, é importante lembrar as relações de poder que estão aí envolvidas.

A masculinidade assim como a feminilidade, são representações concebidas por práticas que são construídas socialmente e historicamente. É muito comum associar estas práticas a um âmbito de reprodução social, mas essas práticas também podem ser construídas numa esfera de produção social, conforme afirma Connell (1995). Sendo assim, os gêneros não podem ser analisados como padrões previsíveis dentro de uma determinada sociedade, é preciso se fixar realmente nas práticas sociais que são realizadas e que podem variar de um indivíduo para outro.

É certo que, no mundo globalizado, existem distintas categorias de homens em diversas posições sociais, principalmente, nas dinâmicas políticas e econômicas. Na verdade, existe um grande desequilíbrio social entre os homens, mundialmente, sendo a minoria composta por homens de classes superiores dotados de poderes e riquezas, enquanto, os outros, que são a maioria, enfrentam inúmeras dificuldades (CONNELL, 2016). Desde dos anos 70, que as discussões sobre o gênero masculino evidenciam uma hierarquia de poderes, que permeia todas as relações de gênero na sociedade.

Logo, é estabelecido um espaço de privilégio que poucos indivíduos conseguem alcançar. Com o objetivo de obter uma análise mais justa dos homens que ocupam esse espaço e dos outros sujeitos que são oprimidos pela polarização, muitos estudiosos passaram a utilizar o conceito de masculinidade hegemônica. Segundo Connell e Messerschmidt (2013, p. 245):

A masculinidade hegemônica foi entendida como um padrão de práticas (i.e., coisas feitas, não apenas uma série de expectativas de papéis ou uma identidade) que possibilitou que a dominação dos homens sobre as mulheres continuasse. A masculinidade hegemônica se distinguiu de outras masculinidades, especialmente das masculinidades subordinadas. A masculinidade hegemônica não se assumiu normal num sentido estatístico; apenas uma minoria dos homens talvez a adote. Mas certamente ela é normativa. Ela incorpora a forma mais honrada de ser um homem, ela exige que todos os outros homens se posicionem em relação a ela e legitima ideologicamente a subordinação global das mulheres aos homens.

Além de estar relacionada a posições sociais de poder, a masculinidade hegemônica também é normalmente relacionada a características como força, violência e insensibilidade. Também é compreendida como um modelo que se afasta ao máximo de qualquer aspecto considerado feminino. Porém, a hegemonia não é apenas caracterizada por um único tipo de masculinidade, a hegemonia pode surgir de várias formas e em diferentes âmbitos, por exemplo, num âmbito acadêmico, a inteligência é vista como uma característica hegemônica.

Desse modo, é possível compreender o conceito de masculinidade hegemônica como uma formulação que é suscetível a mudanças, de acordo com Connell (1995, p. 192): “As condições sob as quais a hegemonia pode ser sustentada estão constantemente mudando.” Ou seja, muitas dessas condições podem ser desconstruídas e até mesmo rejeitadas socialmente. Assim, o conceito de masculinidade hegemônica problematiza as relações de poder, contestando as construções sociais relacionadas as masculinidades.

A violência é uma das características que é normalmente relacionada com a masculinidade hegemônica. Essa característica é percebida como um meio de distanciamento da feminilidade e também como uma ferramenta de poder e opressão. A violência é muitas vezes associada com a agressividade, porém, a agressividade é algo característico do ser humano, sendo a violência um produto cultural (ALORDA, 2013). O homem sempre foi visto socialmente como um sujeito mais violento do que a mulher, por isso, que para maioria das pessoas o homem está destinado a exercer papéis militares.

É certo que existem vários tipos de violência e que essas violências permeiam as esferas interpessoais, institucionais e estruturais. Também é certo que os homens sempre foram tratados como seres mais propícios a promover a violência. De acordo com Alorda⁵ (2013, p.35-36):

⁵ From an anthropological perspective, it is vital to highlight David Gilmore’s research on masculinity and violence, where he points out that all over the world men undergo violent tests to prove their manhood (1990:24). Today ancient rites of passage are almost extinct. However,

Do ponto de vista antropológico, é vital destacar as pesquisas de David Gilmore sobre masculinidade e violência, onde destaca que em todo o mundo os homens passam por testes violentos para provar sua masculinidade (1990: 24). Hoje, os ritos antigos de passagens estão quase extintos. No entanto, ainda existem algumas tribos como os Madan, uma tribo nativa Americana da Dakota do Norte, que ainda realizam cerimônias violentas para os meninos se tornarem homens. Não obstante, a América contemporânea, por exemplo, carece de transições culturais claras e definidas para que os meninos atinjam a masculinidade. Não existe uma maneira estabelecida e fixa de se tornar homem, mas muitas. Ao pedir um rito de passagem a um homem, podemos esperar respostas como: "quando você faz sexo pela primeira vez", "quando você obtém sua carteira de motorista", etc., mas a verdade é que ainda hoje em dia os homens precisam de violência para provar sua virilidade. De vez em quando, ouvimos notícias sobre meninos de todo o mundo consumindo álcool e performando a violência nas ruas, destruindo janelas e queimando carros.

Sendo assim, em muitas sociedades, a violência é vista como um meio de provar a virilidade masculina. A virilidade é uma característica, que apesar da maioria das vezes ser relacionada a sexualidade, refere-se também a outros atributos que são vistos socialmente como essenciais para o gênero masculino, são atributos que representam muitos aspectos relacionados as masculinidades hegemônicas, atributos como força, honra e coragem. O conceito de virilidade também é resultado da dicotomia existente entre os gêneros masculino e feminino, apresentando a fragilidade e a sensibilidade como características femininas, colocando a figura masculina como um protetor e defensor da figura feminina.

there are still some tribes such as the Mandan, a Native American tribe from North Dakota, who still perform violent ceremonies for boys to become men. Nevertheless, contemporary America, for instance, lacks clear and defined cultural transitions for boys to attain manliness. There is not one established and fixed way to become a man, but many. When asking a man for his rite of passage we can expect answers such as: "When you have sex for the first time", "when you get your driving licence", etc., but the truth is that still nowadays men need violence to prove their virility. Every now and then we hear the news about Young boys all over the world consuming alcohol and performing violence in the streets, destroying windows and burning cars. Is rioting becoming a modern rite of passage? We do not have to forget the tragic episode of The Dark Night Rises shooting near Denver, Colorado, which took place in July 2012, a clear example of horrendous violence performed by the 24-year-old James Holmes. Moreover, the Boston Marathon bombing on April 15, 2013, is another example of tremendous violence. Masculine violent acts that could be studied as a possible rite of passage.

A virilidade é então percebida como uma demonstração de poder e superioridade. Algo que todos os homens almejam e se arriscam para alcançar, numa tentativa de se encaixar socialmente. É certo que a virilidade é constantemente relacionada a honra, uma característica que está certamente conectada com orgulho masculino. Um homem que é traído pela esposa ou que perde uma luta, tem sua honra viril questionada e seu orgulho ferido, é inegável que os homens que não conseguem provar a sua virilidade ou que a perdem de alguma maneira, experimentam um sentimento de vergonha perante a sociedade. Segundo afirma Souza e Antloga (2017, p. 19):

Aquele que fracassa ao proteger sua honra viril enquanto homem (que não consegue ser destemido, corajoso, herói) é considerado uma “mulherzinha” e, logo, perde respeito e credibilidade perante a sociedade. Defender sua honra viril, então, pode assumir um fim em si mesmo e, para tanto, o homem pode até morrer ou se matar.

Logo, o conceito de masculinidade hegemônica é inerente a virilidade, pois um homem considerado viril, ocupa um espaço de privilégio social. Apesar de haver várias maneiras de uma masculinidade ascender socialmente, a força braçal, a honra e a coragem para enfrentar situações de risco são características viris que a sociedade cobra dos homens em geral. Vários tipos de homens estabeleceram hegemonia em espaços diferentes, mas a virilidade é a oficialização da masculinidade, sendo, geralmente, relacionada a potência física e sexual.

2.2 O homem e o ambiente militar

Para muitos estudiosos a virilidade é mito, criado pelas diferenças biológicas entre os homens e as mulheres. Por muito tempo, o corpo feminino foi considerado mais fraco e frágil comparado ao masculino, por esta razão, o homem sempre foi colocado para desempenhar papéis de risco, “protegendo” a mulher de realizar tais papéis. Os homens que por alguma razão, não conseguiam desempenhar esses papéis que provavam sua virilidade, eram excluídos e humilhados socialmente. De acordo com Souza e Antloga (2017, p.27):

Há, assim, na história da virilidade, uma dialética entre inclusão e exclusão entre os homens. Aqueles que reproduziam e reforçavam tais habilidades e competências eram “homens de verdade” e eram incluídos no grupo de homens, de machos. Principalmente aqueles que participavam da expressão máxima da virilidade: o militarismo (Almeida, 2012). Aqueles que eram inaptos ao serviço militar (fracos,

doentes, com pouca: virilidade, astúcia, heroísmo, coragem...), eram desvalorizados, sem chances de encontrar uma esposa, de ser pai, de ser um chefe de família.

O âmbito militar que se relaciona a guerra, certamente, se beneficiou do mito viril, pois este âmbito proporcionava um espaço onde todas as qualidades consideradas viris podiam ser exploradas pelos homens. Consequentemente, os homens passaram a se arriscar nos campos de guerra, objetivando a glória e a comprovação da sua masculinidade viril. É verdade que a maioria dos homens que participam do militarismo, principalmente aqueles que já passaram por várias batalhas, são vistos como masculinidades hegemônicas, pois possuem as características que a sociedade compreende como parte dos aspectos relacionados a idealização do gênero masculino.

Segundo Audoin-Rouzeau (2013, p.239):

Ao longo do século XIX, toda a evolução ocidental havia relacionado o mito viril estritamente ao fato militar e à atividade guerreira, a ponto de fazer da preparação ao combate, e do próprio combate, o critério, senão único, ao menos decisivo, da virilidade. Além disso, através das exigências de sistemas de alistamento cada vez mais universais, essa nova restrição foi imposta a um número crescente de homens jovens dentro das sociedades ocidentais.

No início do século XX, houve a Primeira Guerra Mundial, os homens maiores de idade eram obrigados a se alistar, muitos se alistaram para cumprir com o seu “dever de homem”, demonstrando ter honra e virilidade. Mas a verdade é que a maioria se alistava apenas por ser obrigatório e para não ser uma vergonha para a família, os homens eram forçados a enfrentar perigos incontáveis e é claro, a própria morte, os programas de recrutamento incentivavam os homens a participar, exaltando a figura militar, muitos se iludiam com a possível conquista de um espaço de superioridade.

A imagem do herói de guerra que é vangloriado pelo povo, está relacionada, principalmente, com as imagens de grandes guerreiros representadas em obras literárias clássicas, estes guerreiros eram exaltados pela a sociedade, por causa dos seus grandes atos viris. Mas esta imagem passou a ser desacreditada, conforme a própria guerra foi perdendo o seu valor, especialmente, por causa dos catastróficos resultados do conflito armado. Audoin-Rouzeau (2013, p. 241) afirma que:

Os termos que passam a povoar tantos testemunhos dos sobreviventes são, nesse momento, “carnificina” ou então “abatedouro” - principalmente os da Primeira Guerra Mundial- a fim de assinalar a novidade dessa desumanização da guerra, onde o corpo do soldado se confunde com uma carne exposta no balcão de açougue. Essa nova vulnerabilidade corporal não foi desmentida ao longo dos conflitos posteriores do século XX, mas potencializada pela diversificação e a eficácia crescente das armas.

A violência nos campos de batalha era extrema e desumana, e com os adventos tecnológicos, surgiram novas armas com poderes de destruição ainda mais devastadores e as guerras se tornaram ainda mais temidas. A virilidade dos soldados passou a ser contestada, principalmente, quando o público civil, entrou em contato, com imagens sangrentas e violentas de campos de batalhas e de soldados feridos, capturadas pelas câmeras fotográficas, que desmistificava a imagem lúdica do guerreiro viril, muitos soldados retornam com ferimentos irreversíveis, como a perda de alguma parte do corpo ou com a perda de algum dos sentidos, como a visão ou audição. De acordo com Audoin-Rouzeau (2013, p. 241):

... o pior golpe contra o mito da virilidade guerreira talvez resida no fato de que a amplitude dos prejuízos a barreira anatômica, após haver sido longamente dissimulada, ficou cada vez mais conhecida dentro do espaço civil. As grandes degradações corporais provocadas pelo combate moderno são, desde a Primeira Guerra Mundial, e cada vez mais no decorrer dos anos, abundantemente fotografadas. As fadigas corporais são igualmente fotografadas, o olho mecânico não se privando de capturar o aspecto lamentável dos corpos e dos rostos decorrentes dos grandes esgotamentos físicos induzidos pelo combate.

Desse modo, foi a própria realidade do conflito armado que desfez as imagens lúdicas dos soldados. Outro fator que mostrou a verdadeira natureza da guerra, foi o fato de que o reconhecimento que muitos homens almejavam ao voltar do combate, na maioria das vezes não era obtido ou não era o bastante, pois a maioria retornava para casa com ferimentos e traumas da guerra e também muitos perdiam o emprego. E o reconhecimento social ou uma medalha não reparava tudo que eles haviam perdido. Segundo Audoin-Rouzeau (2013, p.242): “A guerra moderna parece ter contribuído de tal forma para desmitificar o estereótipo militar-viril que a própria palavra combatente libertou também, pouco a pouco, evocando cada vez mais claramente o que advinha de um soldado em guerra.”

A verdade é que a grande parte dos homens não estão preparados para enfrentar todas as situações que podem ocorrer no decorrer de uma guerra. Muitos acabam fazendo determinados atos que nunca imaginariam fazer, como matar outra pessoa, algo que certamente gera um impacto psicológico, assim como presenciar a morte de um companheiro de guerra. Os cenários de destruição deixados pelas batalhas também permanecem na mente dos soldados sobreviventes, a maioria dos soldados que retornam para casa, voltam com TEPT (Transtorno de Estresse Pós-Traumático), o que sem dúvida atrapalha suas vidas, pois dificulta a reintegração social. Muitos retornam para casa com um olhar pessimista com relação a vida, por causa dos horrores presenciados durante a guerra e dos danos que lhes causaram, prejudicando as relações familiares e sociais, e também as relações sexuais ou amorosas.

Como já foi mencionado, a virilidade é comumente associada a sexualidade, que também se relaciona com o âmbito militar. Durante os treinamentos militares, a sexualidade era usada como ferramenta para doutrinar os homens, para que eles se adequassem ao modelo de soldado viril. De acordo com Audoin-Rouzeau (2013, p.247):

A instrução militar, o treinamento dos soldados do século XX, de uma dureza muitas vezes impiedosa dentro das unidades de elite, teria contribuído de modo fundamental para a “virilização” dos soldados ao força-los- por pressão do enquadramento, pressão do grupo, pressão também sobre si mesmo- a inferiorizar o conjunto dos gestuais e das representações de si, dos outros, das mulheres que estrutura o *habitus* militar-viril.

Ou seja, o treinamento militar era baseado na inferiorização das masculinidades, consideradas subalternas e das mulheres e sua feminilidade. Os superiores se dirigiam aos soldados em treinamento, utilizando termos que se relacionavam com a homossexualidade e a feminilidade, para diminuir aqueles soldados que não cumpriam corretamente com o que lhes era pedido, enquanto a sexualidade desses outros sujeitos eram inferiorizadas, a sexualidade masculina era exaltada durante o treinamento, por exemplo, o órgão genital masculino era comparado aos canos das armas, simbolizando, justamente, o poder do gênero. Esse tipo de treinamento militar originou um pensamento de hostilidade ainda maior por parte dos homens, com relação aos outros tipos de masculinidade e as mulheres, principalmente.

A figura feminina era constantemente depreciada e sexualizada no ambiente de guerra, o próprio governo incentivava a pornografia entre os soldados, promovendo shows de strip-tease

para os militares. A erotização da mulher pelos militares, originou um aumento da violência contra a mulher. Audoin-Rouzeau (2013, p.251-252) afirma que:

Por isso, a generalização das práticas de estupro em tempos de guerra se estende por todo o século XX ocidental e não ocidental (basta lembrar o “estupro de Nankin” pelos japoneses em 1937) ao preço de uma ruptura bem nítida, me parece, com o século anterior. O estupro, de fato, não é um parasita inevitável da guerra, como se acredita com muita frequência: no século XX, o corpo das mulheres parece ter se tornado, ou ter se tornado novamente, um mecanismo central da relação amigo/inimigo, assim como um componente determinante do modelo militar-viril.

Além de ser sexualizada e de ser vista como um ser mais fraco, a mulher também era vista como um inimigo pelos soldados, os homens que representavam a virilidade masculina na sua mais pura forma e que eram treinados a humilhar seus inimigos para estabelecer sua superioridade. O papel da mulher dentro do âmbito militar se transformou bastante nas últimas décadas e apesar do preconceito ainda ser uma realidade, as forças armadas apresentam mais diversidade, deixando o ambiente militar mais feminizado.

Também é certo que os homens ainda representam grande parte das forças armadas e que a maioria das mulheres não tem interesse em participar do âmbito militar, a violência existente nos campos de guerra preocupa e apavora ambos os gêneros. Ainda assim, as práticas estabelecidas que criam uma hierarquia entre os gêneros e que são reforçadas nos treinamentos militares, permanecem na cultura de muitos homens e mulheres. De acordo com Audoin-Rouzeau (2013, p.262):

Muitos testemunhos permitem perceber que, ainda que se juntando a mulheres em seus postos, os combatentes usaram muitas estratégias para afastá-las das funções mais perigosas durante o combate terrestre, em geral os mais expostos. Muito frequentemente, esses gestos masculinos de proteção, efetuados espontaneamente, de forma quase reflexa- e por isso mesmo ainda mais interessantes a serem observados de perto- parecem ter recebido o consentimento das mulheres, também de forma reflexa e espontânea.

Sendo assim, muitas práticas de gênero que foram estabelecidas há vários anos atrás, ainda permeiam as relações entre homens e mulheres nos mais diversos âmbitos, incluindo o militar. A maioria dessas práticas sociais já passaram por desconstruções, mas há certamente

aquelas permanecem não só na esfera cultural, mas também interligadas com o instinto natural do ser humano, como o ato de proteger do homem em relação a mulher.

A imagem do herói viril, que é aventureiro e que salva a donzela indefesa foi constantemente retratada em filmes e em várias obras da literatura. Essas obras com certeza serviram de inspiração para muitos homens, especialmente aqueles que por alguma razão se sentiam inferiorizados socialmente e que buscavam o reconhecimento de sua virilidade e é claro, a hegemonia. Notando a influência que as obras ficcionais exerciam sobre as pessoas, muitos governos encomendavam a produção, principalmente, de filmes, com o propósito de estimular a população masculina a participar da guerra. Esses filmes, geralmente, apresentavam como personagens principais soldados viris, que não desanimavam diante dos obstáculos e sempre persistiam, essas obras também tinham como objetivo animar a população civil diante das perdas da guerra, exaltando o orgulho de sua nação e semeando a esperança da vitória.

A imagem do soldado viril exemplar foi contestada por causa da realidade violenta das guerras e que assim como as relações de gênero, a virilidade masculina também passa por transformações. Segundo Souza e Antloga (2017, p.27-28):

Nota-se que hoje o modelo de virilidade tradicional não foi substituído por um novo modelo mais contemporâneo. Mas foi necessário reinventar, ressignificar a virilidade. Assim, a educação viril passa por uma nova roupagem. Mesmo que muitos comportamentos ainda reflitam as raízes tradicionais da virilidade, a educação e, também, a formação viril, estão em transformação.

Logo, para muitos segmentos da sociedade, a virilidade masculina já não possui o mesmo significado, sendo um termo que está passando por um processo de reinvenção. Por isso, o espaço militar se modificou tanto no decorrer dos anos, se tornando um espaço de mais diversidade e que apesar de ainda existirem problemas como o preconceito e o assédio, problemas que ainda estão presentes em vários âmbitos da sociedade, o espaço militar é aberto para qualquer indivíduo, tanto do gênero masculino quanto do feminino, sendo um espaço que também está em transformação.

Apesar das muitas mudanças, há algo que ainda se perpetua entre os homens, um elemento extremamente ligado a imagem da virilidade tradicional, esse elemento é a violência. Muitos homens não conseguem se ajustar as constantes modificações nas relações de gênero, usando como auxílio para se manter no controle, a violência, numa tentativa de não se sentir inferiorizado perante a sociedade. De acordo com Souza e Anglota (2017, p.29):

Trata-se de virilidades desenfreadas, com necessidade de autoafirmação, demonstrando, simbolicamente, que, na verdade, trata-se de jovens que se sentem desorientados e são inconsequentes (Muszkat, 2011). E, para lidarem com suas frustrações, manifestam atos e atitudes de violência gratuita, reinterpretando, forçadamente, estereótipos viris tradicionais, legitimando, então, uma rejeição, uma contracultura.

Devido a este fator, a imagem masculina ainda é vinculada socialmente a atos de violência e brutalidade. A violência é a maneira que muitos homens que não se sentem confortáveis com as mudanças referentes aos gêneros, encontram para legitimar sua superioridade, para se sentirem “homens de verdade”. Um dos principais motivos para isso, é o modo como os homens e as mulheres são educados, a educação está extremamente relacionada com a cultura e é claro com a sociedade. É claro que muitas práticas relacionadas aos gêneros foram ressignificadas com o tempo, mais como foi dito anteriormente, ainda existem práticas e convenções que permanecem no convívio social de muitos homens e mulheres. Portanto, é certo que houveram muitas transformações no modo como os gêneros se relacionam e na maneira como o meio social os enxerga, mais ainda há muitas outras mudanças para acontecer, principalmente com relação ao gênero masculino.

3 ESTUDO COMPARATIVO DO ROMANCE O SOL TAMBEM SE LEVANTA E DO FILME TAXI DRIVER

Baseado nos conceitos apresentados nos capítulos anteriores, analisou-se as obras *O sol também se levanta* (1926) do escritor norte-americano Ernest Hemingway e o filme *Taxi Driver* (1976) do diretor Martin Scorsese, tendo como foco principal os relacionamentos e frustrações dos protagonistas de ambas as obras. No livro de Hemingway, o personagem principal é o jornalista Jake Barnes, enquanto no filme de Scorsese, o protagonismo é do taxista Travis Bickle, ambos os personagens participaram de guerras e possuem traumas e feridas dessas épocas de combate.

O romance de Hemingway se passa alguns anos após a Primeira Guerra Mundial e tem como cenário inicial a majestosa Paris, o autor apresenta um grupo de amigos que decidem viajar para a cidade Pamplona na Espanha, para participar da tradicional festa de São Firmino. A história é narrada por Jake, que perdeu seu órgão genital durante um conflito da Primeira Guerra Mundial, nesta mesma época ele conheceu Lady Brett, por quem é apaixonado, mas o relacionamento entre eles é impossível, visto também que Brett possui um noivo, Mike Campbell. Jake mantém uma relação de amizade com o casal e os convida para a viagem a Espanha, junto com os seus outros amigos, Robert Cohn e Bill Gordon, ambos escritores. Na Espanha, o grupo de amigos realizam inúmeras atividades, a maioria delas fazem com que Jake se sinta mais “homem”, sendo o campeonato de toureiros, o cenário mais viril e masculino para ele.

No filme *Taxi Driver*, nos deparamos com a história de Travis Bickle, um homem de vinte seis anos, que foi fuzileiro naval e participou da Guerra do Vietnã. Bickle sofre de insônia e decide trabalhar como taxista a noite na cidade de Nova York durante a década de 70. Ele se apaixona por Betsy, uma mulher que trabalha no comitê de campanha política do senador Palantine, mas o relacionamento entre os dois termina no primeiro encontro, quando Travis a leva para assistir um filme pornô no cinema e Betsy se sente ofendida e o rejeita. Após esta decepção amorosa, Travis se torna mais hostil e pessimista com relação a sociedade em que vive, ele decide que precisa fazer algo honrável e memorável e quando conhece a prostituta Iris, uma garota de 12 anos, encontra a sua oportunidade de se torna um herói. Ele recorre a violência e decide matar os homens para quem Iris trabalha, a libertando.

Tanto Jake quanto Travis fizeram parte de ambientes militares e tiveram perdas físicas e psicológicas que afetaram seus relacionamentos pessoais e sociais. O âmbito militar, no geral,

reforça os preceitos que provocam a desigualdade de poderes entre os homens e mulheres e principalmente, entre os próprios homens. De acordo com Moreira (2011, p.323):

A crença de “viver de maneira correta” e possuir as qualidades descritas diferenciam e hierarquizam militares e civis. A coesão interna se dá pela percepção de si como diferentes e melhores. O corpo militar é construído por meio desse processo de disciplinarização intensa do corpo-instituição, do corpo-individual e dos valores condizentes ao militarismo. O “detalhamento” do corpo, “as minúcias dos regulamentos, o olhar esmiuçante das inspeções, o controle das mínimas parcelas da vida e do corpo”, conforme Michel Foucault (1987, p. 121), distribuem os indivíduos no espaço que os definem, tanto pelo lugar que ocupam quanto pela distância demarcada com o outro.

Apesar das consequências nefastas do combate militar, Jake e Travis ainda reproduzem pensamentos e condutas deste âmbito, como a inferiorizam de outras masculinidades. Em vários momentos durante o filme, Travis se considera superior aos demais sujeitos da sociedade em que vive, se referindo de maneira degradante as mulheres, as prostitutas, aos homossexuais e aos negros.



Figura 1: Cena de Travis no Taxi

Fonte: <https://play.google.com/store/movies/details?id=R9A8QA2Hvxs>



Figura 2: Cena de Travis no Taxi

Fonte: <https://play.google.com/store/movies/details?id=R9A8QA2Hvxs>



Figura 3: Cena de Travis no Taxi

Fonte: <https://play.google.com/store/movies/details?id=R9A8QA2Hvxs>

Travis os enxerga como inimigos e os culpa por todos os problemas e crimes que acontecem na cidade e por esta razão, ele acredita que precisam ser combatidos. Ele se coloca num lugar de superioridade, principalmente por sentir que é o único que percebe o perigo desses outros sujeitos para sociedade. Grande parte dos treinamentos militares reforçam este estigma de que o soldado viril é dotado de uma superioridade, inferiorizando outros sujeitos como as mulheres e os homossexuais. Travis é um ex-militar solitário e que não consegue manter nenhuma relação sentimental com outra pessoa, em vários momentos ele é mal- tratado por outros sujeitos. O fato de inferiorizar e de enxergar essas outras pessoas como inimigos, o torna novamente um combatente, ou seja, alguém que possui um proposito, algo que traz sentido a sua vida, esse pensamento o afasta da realidade e dos seus problemas.

Em *O sol também se levanta* (1926), Jake não apresenta comentários tão negativos com relação a outros indivíduos da sociedade, mas apresenta falas tentando diminuir os feitos de outros homens, principalmente, direcionados aos seus amigos. “Robert Cohn fora campeão de boxe na categoria dos pesos-médios em Princeton. Não pensem que esse título me impressione. Mas significa muito para Cohn.” (2017. P.15). Em diversos momentos durante a narrativa, Jake tenta diminuir Cohn com os seus comentários, isso se intensifica, quando ele descobre que Cohn está apaixonado por Brett, a quem Jake também ama. O principal motivo para Brett e Jake não estarem juntos é a perda do órgão genital dele, como foi mencionado no capítulo anterior, a sexualidade é constantemente relacionada a virilidade e esta característica é constantemente vinculada ao espaço militar e as masculinidades hegemônicas.

Perder o órgão genital afetou o modo como Jake enxerga a si mesmo, é como se houvesse perdido a sua virilidade, portanto, aquilo que o tornava homem. Ele se sente inferior, por isso tenta encontrar maneiras de se sentir “um homem de verdade” novamente. Logo, diminuir os atos de Cohn, o colocam num espaço momentâneo de superioridade, principalmente, quando os dois se encontram apaixonados por Brett, sendo quase um duelo por

amor, uma disputa entre dois homens. Jake e Travis foram afetados de formas diferentes pela guerra, enquanto Travis enxerga quase todos como inimigos e busca uma forma de ser um herói novamente, Jake procura modos de recuperar o que perdeu, para se sentir um homem viril e para que os outros próximos a ele, como os amigos e os familiares, também o vejam desta forma de novo.

De acordo com Moreira (2011, p.223):

O “perceber-se” enquanto grupo no interior das profissões militares, segundo Celso Castro (2004, p. 34), tem por base, principalmente, a crença na superioridade física e moral de seus integrantes, uma representação coletiva que forja coesão e homogeneidade. A ideia de minoria dos melhores, marcada pelo distanciamento com os “paisanos”, é perceptível nessa representação de nobreza e altivez moral que se funda no corpo.

O âmbito militar é visto como um espaço de coletividade masculina, os ex-militares demonstram respeito a outros militares, assim como os civis também demonstram estima por eles. A severa realidade da guerra, que passou a ser evidenciada ainda mais depois da Primeira Guerra Mundial, também é um dos motivos para os soldados serem respeitados, principalmente por outros homens. No início do filme, Travis está fazendo uma entrevista para o emprego de taxista, o homem que o está entrevistando, se mostra ser bem ríspido, mas ao descobrir que Travis é um ex-fuzileiro, seu comportamento com ele muda, ele demonstra ser mais amistoso.

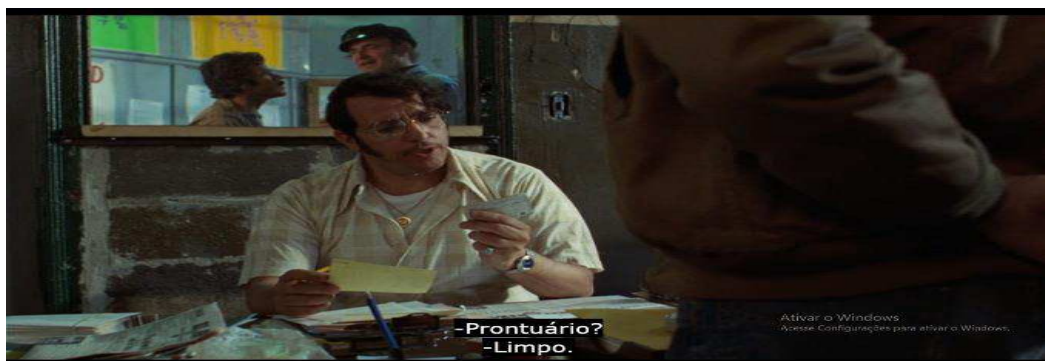


Figura 4: Cena de Travis fazendo a entrevista para o emprego de taxista
Fonte: <https://play.google.com/store/movies/details?id=R9A8QA2Hvxs>

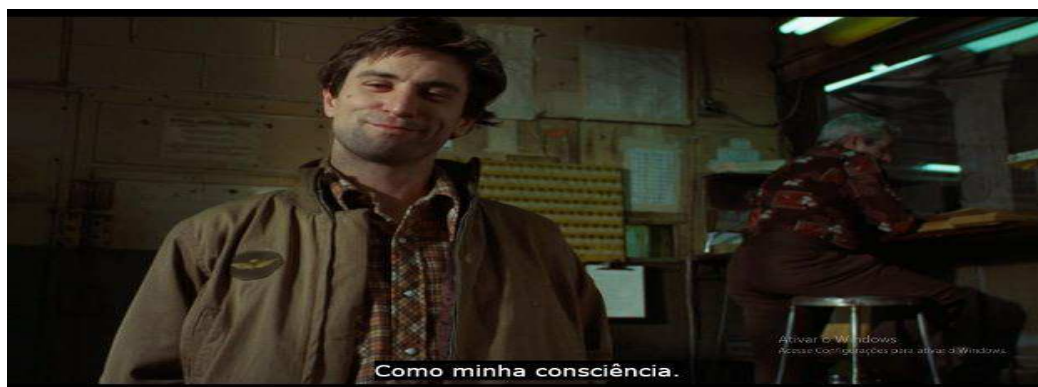


Figura 5: Cena de Travis fazendo a entrevista para o emprego de taxista
Fonte: <https://play.google.com/store/movies/details?id=R9A8QA2Hvxs>



Figura 6: Cena de Travis fazendo a entrevista para o emprego de taxista
Fonte: <https://play.google.com/store/movies/details?id=R9A8QA2Hvxs>



Figura 7: Cena de Travis fazendo a entrevista para o emprego de taxista
Fonte: <https://play.google.com/store/movies/details?id=R9A8QA2Hvxs>

O homem também revela que é um ex-fuzileiro, esta coincidência certamente influenciou a contratação de Travis. A união formada entre os grupos de soldados, permanecem de alguma forma no cotidiano daqueles que voltaram para casa depois da guerra,

principalmente, por partilharem de experiências da época e por possuírem uma maior compreensão do que o outro passou.



Figuras 8 e 9: Cena de Travis conseguindo o emprego de taxista

Fonte: <https://play.google.com/store/movies/details?id=R9A8QA2Hvxs>

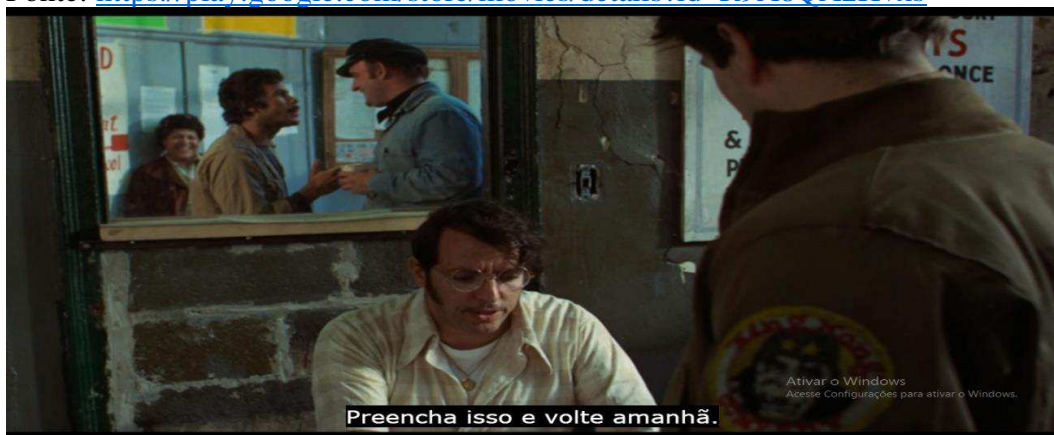


Figura 10: Cena de Travis conseguindo o emprego de taxista

Fonte: <https://play.google.com/store/movies/details?id=R9A8QA2Hvxs>

No livro *O sol também se levanta*, em uma conversa, Bill Gordon, amigo de Jake, que também participou da guerra, demonstra um certo companheirismo com Jake, quando ele menciona o seu ferimento de guerra.

- Você é um expatriado. Perdeu o contato com o solo. Tornou-se pernóstico. Ficou estragado pelos falsos padrões europeus. Bebe até cair. Deixa-se obcecar pelo sexo. Passa tempo todo conversando e não trabalha. É um expatriado, ouviu? Arrasta-se pelos cafés.
- É uma vida formidável – disse eu. – Quando é que trabalho?
- Você não trabalha. É mantido por mulheres, dizem uns. Outros dizem que você é impotente.
- Não. Apenas fui vítima de um acidente.

-Nunca fale nisso- disse Bill- São coisas de que nunca se deve falar. Você devia fazer mistério disso. Como a bicicleta de Henry. (HEMINGWAY, 2017, p.141-142)

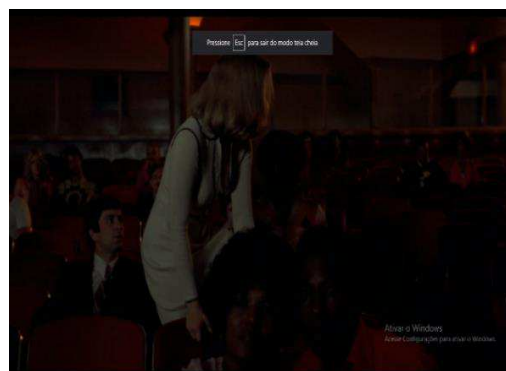
Gordon é um dos poucos amigos de Jake que sabe sobre o seu ferimento de guerra. Em vários momentos durante o livro, Gordon dá conselhos a Jake sobre como lidar com esta situação e também o convida para realizar atividades consideradas masculinas, como a pescaria, numa tentativa não só de ajudá-lo a se sentir homem novamente, mas também de demonstrar para a sociedade que ele ainda é um homem. Lady Brett também sabe sobre o ferimento de Jake, eles se conheceram na época da guerra, quando ela trabalhava como enfermeira. Em uma conversa, Jake e Brett falam sobre os seus sentimentos e o porquê de não estarem juntos.

- Não poderíamos viver juntos, Brett? Não poderíamos viver juntos?
- Duvido, eu iria enganá-lo com todo mundo, e você não suportaria isso.
- Não suporto, agora?
- Depois seria diferente. A culpa é minha, Jake. Eu sou assim mesmo
- Não poderíamos ir para o campo por algum tempo?
- Não adiantaria nada. Irei, se você quiser, mas não posso viver tranquila no campo. Não com o meu verdadeiro amor.
- Eu sei.
- Não é horrível? Não adianta dizer que o amo.
- Você sabe que a amo.
- Não falemos nisso. Falar é bobagem. Vou afastar-me de você. Aliás, Michael está de volta.
- Por que vai embora?
- É melhor para você e para mim.
- Quando pretende ir?
- Logo que puder.
- Para onde vai?
- San Sebastian.
- Não podemos ir juntos?
- Não. É uma ideia absurda, depois do que falamos agora mesmo.
- Nunca concordamos.
- Oh, isso você sabe tão bem quanto eu. Não seja teimoso, querido.
- Claro- disse eu- Sei que você tem razão. Mas estou abatido e quando estou desse jeito digo tolices. (HEMINGWAY, 2017, p.74-75)

Certamente, o fato de Travis não poder exercer o seu lado sexual como os demais homens exercem, é o principal motivo para Jake e Brett não ficarem juntos. A sexualidade sempre foi vista como um elemento importante para estabelecer a virilidade masculina, e também é algo que é exaltado no treinamento militar como uma característica das

masculinidades hegemônicas. O fato de Jake ter perdido uns dos principais símbolos de virilidade, de certa forma, afetou drasticamente sua vida, não só por não poder ficar com a mulher que ama, mas também por não se sentir homem o bastante para ficar com qualquer outra mulher, sendo constantemente tratado com pena por aqueles que sabem o que ele perdeu.

A sexualidade também é um problema para Travis, que passa horas no cinema assistindo a filmes pornô numa tentativa de acabar a insônia que tanto o incomoda. Mas isto só o torna ainda mais antissocial e o impede de estabelecer relações amorosas realmente verdadeiras. Travis leva Betsy, a mulher por quem está obcecado, para assistir a um filme pornô, com o objetivo de que eles ficassem mais íntimos, mas isso não acontece, pelo contrário, Betsy se sente insultada.



Figuras: 11 e 12: Cena de Travis e Betsy no cinema

Fonte: <https://play.google.com/store/movies/details?id=R9A8QA2Hvxs>



Figura: 13: Cena de Travis e Betsy no cinema

Fonte: <https://play.google.com/store/movies/details?id=R9A8QA2Hvxs>

Este episódio serve para mostrar o quanto Travis está desequilibrado, ele julga as prostitutas e principalmente, os homens que pagam por seus serviços, mas assistiu a filmes pornográficos e ainda tentou influenciar Betsy a ter relações sexuais com ele, a levando para

ver um desses filmes. A potência sexual está relacionada a virilidade e ser um homem viril é ser um homem que tem poder e que está no controle, algo que de alguma maneira Travis e Jake buscam no decorrer de suas histórias, para voltar a ter um equilíbrio social. Segundo Haroche (2013, p.29):

Os homens devem ser fortes, mas ainda, devem se mostrar fortes. Porém, considerados, ou se considerando como “naturalmente” viris, os homens temem acima de tudo serem descobertos na sua vulnerabilidade, serem reconhecidos na sua impotência. De maneira que a dominação masculina poderia também ser explicada como uma tentativa de dominação da impotência masculina. Alguns homens – em nome de uma virilidade explícita ou implícita – são levados, ou seja, procuram continuamente colocar o outro numa posição de fraqueza, física ou mental, quer se trate da violência – mais psíquica -, da dominação insidiosa, ou da violência física e psíquica das “personalidades autoritárias”.

Após o primeiro encontro desastroso, Travis volta a encontrar com Besty, mas é rejeitado novamente. Se sentindo traído, o desprezo que Travis sentia pela sociedade em que vive aumenta e o respeito que ele tinha pelas autoridades se desfaz, pois ele acredita que os homens que estão no poder como o senador Palantine, não se importam de verdade com o que acontece na cidade e no terceiro ato do filme, Travis tenta assassinar o senador, mas acaba sendo descoberto e foge do local. Travis recorre a violência para combater tudo aquilo que ele acredita que está errado e para retomar o controle e também para demonstrar que ele ainda é um soldado heroico e viril.

A violência é o caminho que Travis encontra para conseguir tudo aquilo que ele almeja e ao conhecer Iris, uma prostituta de 12 anos, Travis consegue a oportunidade de fazer de fato algo que na visão dele é digno, honrável e memorável.



Figura 14: Cena de Travis e Iris na lanchonete

Fonte: <https://play.google.com/store/movies/details?id=R9A8QA2Hvxs>

Travis decide libertar Iris dos homens que a controlam os matando, ele faz todo um treinamento e também muda o visual, por ser constantemente confundido com um policial, o novo visual que ele passa a adotar remete a visual que muitos soldados usavam na época da Guerra do Vietnã, ele corta o cabelo em formato de um moicano.



Figura 15: Primeira cena em que Travis aparece com a nova aparência
Fonte: <https://play.google.com/store/movies/details?id=R9A8QA2Hvxs>

No final do filme, Travis conseguem exatamente o que ele queria, matando os cafetões e libertando Iris, essa é certamente uma das cenas mais violentas e sangrentas do cinema. Travis também fica bastante machucado e apesar das últimas cenas do filme indicarem que ele sobreviveu, não fica precisamente esclarecido se realmente aquilo aconteceu ou é apenas um sonho ou vislumbre do que Travis pretendia alcançar depois de tudo.

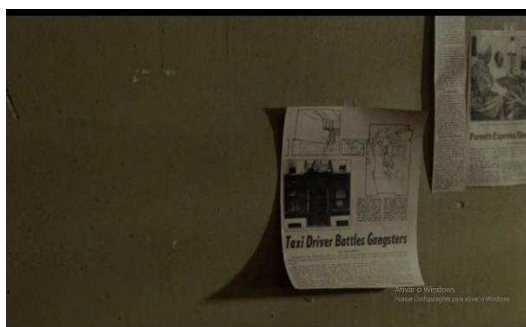


Figura 16: Cena em que Travis está ferido depois de matar os cafetões
Fonte: <https://play.google.com/store/movies/details?id=R9A8QA2Hvxs>



Figura 17: Cena em que Travis está ferido depois de matar os cafetões
 Fonte: <https://play.google.com/store/movies/details?id=R9A8QA2Hvxs>

Em uma das cenas, vemos artigos de jornais que relatavam o ocorrido e exaltavam Travis, o nomeando como herói, também há uma carta dos pais de Iris agradecendo a Travis por ter a ajudado. Na outra cena e última do filme, vemos Travis novamente dirigindo o seu taxi, quando Besty aparece, ela pergunta como ele está e fala que viu nos jornais o que ele havia feito, no fim, os dois acabam marcando de sair novamente.



Figuras 18 e 19: Cenas finais que mostram os artigos de jornais e o reencontro de Travis e Betsy
 Fonte: <https://play.google.com/store/movies/details?id=R9A8QA2Hvxs>



Figura 20: Cenas finais que mostram os artigos de jornais e o reencontro de Travis e Betsy
 Fonte: <https://play.google.com/store/movies/details?id=R9A8QA2Hvxs>



Figura 21: Cenas finais que mostram os artigos de jornais e o reencontro de Travis e Betsy

Fonte: <https://play.google.com/store/movies/details?id=R9A8QA2Hvxs>

Sendo uma ilusão da mente de Travis ou não, no final, ele fez uma escolha violenta para lidar com os problemas que tinha com relação ao seu enorme desconforto social, algo que afetava a sua identidade masculina. Travis fala muito pouco sobre a época em que era fuzileiro e participou da Guerra do Vietnã, mas certamente, este momento teve muito impacto em suas ações no final do filme. Ao mudar o visual, ele se aproxima mais da imagem de um soldado, de alguém que realmente está presente nos campos de batalha e enfrenta as verdadeiras adversidades.

Ao contrário de Travis, o personagem de Hemingway, Jake, não escolhe o caminho da violência, apesar do seu sofrimento por não poder ficar com a mulher que ama e por não se sentir na maioria do tempo um “homem de verdade”. Mas definitivamente, Jake quer que Brett fique com um “homem de verdade”, por isso ele rejeitava tanto a possibilidade de Cohn ficar com ela, por não o considerar um homem que realmente a pudesse fazer bem, Brett também é noiva de Mike, outro homem que Jake não enxerga como o certo para ela, por esta razão, quando Brett começa um caso com Pedro Romero, um toureiro muito famoso, Jake a apoia e realmente acredita na relação dos dois. Pedro possui todas as qualidades que Jake considera pertinentes a um homem viril:

Pedro Romero, porém, possuía a grandeza. Gostava de tourear e creio que amava os touros e que também amava Brett. Tudo o que dependia de sua vontade ele realizou diante dela, durante toda a tarde. Nem uma vez ergueu os olhos para Brett, e era mais forte assim, porque o fazia tanto por si mesmo quanto por ela. Porque não a olhava para pedir-lhe a sua aprovação, tudo o que fazia era interiormente e por si mesmo, e isso o fortalecia. Contudo, fazia-o também por ela, mas sem nenhum prejuízo de si próprio. E com isso ganhou a tarde inteira. (Hemingway, 2017,256-257)

Jake enxerga Pedro como uma verdadeira representação de virilidade e, portanto, o considera como um bom partido para Lady Brett. Apesar dos momentos de recaída, Jake aparenta ter aceitado o modo como a sua vida é, por causa do que lhe aconteceu durante a guerra, porém, a dor da perda sempre se fará presente, o último capítulo do livro termina com Jake e Brett falando sobre a relação entre eles.

Rodeei-a com o braço e ela se encostou a mim, comodamente. O ar era ardente e luminoso, e as casas de um branco cru. Entramos na Gran Via.
- Oh, Jake – disse Brett – Poderíamos ter sido tão felizes juntos!
Diante de nós, um policial em uniforme caqui, a cavalo, dirigia o tráfego, ergueu o bastão. O carro diminuiu a marcha, bruscamente, atirando Brett de encontro a mim.
- Sim- disse eu- É sempre agradável pensar isso. (Hemingway, 2017, p.292-293)

Logo, ambos os personagens, Jake e Travis, passaram por experiências difíceis durante a época em que participaram de guerras e essas experiências certamente causaram um impacto na vida deles. Os soldados são vistos como exemplos de masculinidades hegemônicas que não demonstram vulnerabilidade diante das demais pessoas, tanto o personagem de Hemingway como o de Scorsese, são representações de homens que apresentaram determinados tipos de vulnerabilidade depois de participar de guerras. É certo que estes homens lidaram de maneiras diferentes com os traumas da época em que desempenhavam papéis de soldados, escolhendo caminhos bem distintos, mas apesar de suas escolhas, a época em que estiveram nos conflitos armados causaram danos permanentes em suas vidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste trabalho, discutimos as inúmeras transformações que ocorreram ao longo dos anos, no modo como os gêneros se relacionam e em como essas relações são representadas e até modificadas através de expressões artísticas e culturais, como no livro *O sol também se levanta* e no filme *Taxi Driver*, as obras analisadas neste trabalho. Também exploramos as questões envolvendo o gênero masculino, principalmente, os modelos hegemônicos que influenciam os demais homens da sociedade, através de práticas que reforçam o mito da virilidade, gerando adversidades para aqueles que não conseguem exercer esses modelos, como os personagens masculinos Jake e Travis.

Também observamos como espaço militar influenciava e reforçava os aspectos relacionados a virilidade masculina, como a violência e sexualidade. Os personagens que analisamos fizeram parte desse ambiente e sofreram perdas que afetaram suas vidas. O personagem de Hemingway, perdeu o órgão genital e com isso não se sentiu mais capaz de ter uma vida sexual, enquanto o personagem do Scorsese, possuía uma vida reclusa e não conseguia se relacionar tão bem com as outras pessoas e não possuía uma vida sexual saudável, sempre enxergando problemas na sociedade, até optar por um caminho violento para sentir que fez algo para melhorar um pouco os problemas que ele enxergava.

Foi possível observar que ambos os personagens tinham problemas com relação a sexualidade, o órgão genital masculino sempre foi visto como um símbolo de poder, algo que era evidenciado em muitos treinamentos militares, em que o pênis era comparado as armas de fogo. Travis e Jake se sentiam inferiorizados como homens, ou seja, é como se ambos não possuíssem o atributo físico que representa o poder do gênero masculino. Durante suas histórias, os dois personagens buscam outras maneiras para se sentirem no controle de suas vidas e conseqüentemente, no poder. O conceito de masculinidade hegemônica evidencia a crise dos personagens, que tentam se mostrar como masculinidades superiores, adotando práticas que corroboram para o mito da virilidade.

Portanto, os padrões que se relacionam com o gênero masculino não só o colocam na posição de opressor, por possuírem espaços de superioridade, mas também o colocam na posição de oprimido, muitos homens tornam-se frustrados e deprimidos por não se encaixarem em determinados padrões de masculinidade. O fato do homem ser sempre visto como mais adequado para conflitos físicos, o coloca em mais situações de risco e apesar de ambientes como o militar possuírem mais diversidade nos dias atuais, com uma maior presença feminina, os

homens ainda representam a maior porcentagem dos exércitos. Logo, trabalhos como este se fazem importantes para evidenciar tais questões que são pouco analisadas, comparadas há outros problemas das relações de gênero. Esta pesquisa também serve de suporte para a análise de outras obras do escritor Ernest Hemingway, que em sua grande maioria apresentam masculinidades em crise.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALORDA, Isabel Moranta. **Masculinity and Violence in 21st-Century U.S. Film: 'A History of Violence' and 'Drive'**. Espanha: Universitat de les Illes Balears, 2013.

AUDOIN-ROUZEAU, Stephane. Exércitos e guerras: uma brecha no coração do modelo viril? *In*: CORBIN, Alan; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges(org.). **História da Virilidade 3. A virilidade em crise? Século XX-XXI**. Petrópolis, RJ: Vozes,2013.

CARIBÍ, Àngels (org.). **Constructing New Masculinities: The Representation of Masculinity in U.S. Literature and Cinema (1980-2003)**. Barcelona: Research Center for Theory, Gender, Sexuality, 2003-2006. Disponível: <http://www.ub.edu/filoan/MemoriaAngles.pdf>. Acesso em: 20 set. 2019.

CONNELL, Raewyn; PEARSE, Rebecca. **Gênero: uma perspectiva global**. São Paulo: InVerso, 2016.

CONNELL, Robert W. **Políticas de masculinidade**. Educação & Realidade, 1995.

CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. **Masculinidade hegemônica: repensando o conceito**. Florianópolis: Estudos Feministas, 2013.

HEMINGWAY, Ernest. **O sol também se levanta**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil,2017.

MOREIRA, Rosemeri. **Virilidade e o corpo militar. Rio Grande do Sul: História: Debates e Tendências**, 2011.

SOTTA, CP. **A literatura e o cinema: convergências e divergências. In: Das letras às telas: a tradução intersemiótica de ensaio sobre a cegueira [online]**. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015, pp. 156-230.

SOUZA, Ronaldo Gomes; ANTLOGA, Carla Sabrina. **Psicodinâmica Do Trabalho Masculino e A Defesa Da Virilidade: Uma Questão De Gênero**. Tocantins: Trabalho (En)Cena, 2017.

STEARNS, Peter N. **História das relações de gênero**. São Paulo: Contexto,2018.

TAXI driver. Direção de Martin Scorsese. Columbia Pictures, 1976. 1 DVD (113 min.)
Disponível em: <https://play.google.com/store/movies/fetais?id=R9A8QA2Hvxs>. Acesso em:
11 de novembro 2019.

TAVARES, António Augusto. **A criação do homem nos mitos das origens.** Lisboa:
Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa, 1978.

VELLOSO, Monica Pimenta. **A Literatura como espelho da nação.** Rio de Janeiro: Estudos
Históricos, 1988.